

**SOLIDÃO, AUTOTELIA E AUTOQUÍRIA: CULPA E TRÁGICO NO AJAX  
DE SÓFOCLES**

**ROBERTO SÁVIO ROSA**

Professor Adjunto do Departamento de Filosofia e Ciências  
Humanas da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC-BA  
savio@uesc.br

**RESUMO:** A relação de proximidade entre o trágico e a culpa intenciona comparecer cada vez mais sólida. Mesmo apresentando diferenças interpretativas procuro ressaltar que o impulso inexpugnável recebe cada vez mais atenção. Aquilo que comparece, enquanto motivo de reflexão parece estar sempre à inefável configuração e a indigesta expressão do trágico. Mas como é possível afrontar tal questão? Este artigo procura apresentar um conjunto de interrogações que facultam a impossibilidade de leitura do trágico sob a perspectiva da culpa.

**Palavras-chave:** Trágico. Culpa. Solidão.

**ABSTRACT:** The close relationship between the Tragic and Guilt intends to show itself as ever more solid. Although presenting interpretive divergences, I intend to stress the fact that the inexorable impulse presented by the Tragic itself receives increasing attention. What comes to mind as object of thought seems to always be ineffable as configuration, and non-digestible as expression of the Tragic. But, how is it possible, if so, to confront this question? This article intends to present a set of questions that allow us to think as impossible reading the Tragic under a perspective of guilt.

**Key words:** Tragic – blame – loneliness

---

O presente trabalho procura demonstrar a ocorrência de desacordos interpretativos com relação ao recebimento da herança trágica clássica, a saber, da impossibilidade de leitura do trágico sob a perspectiva da culpa. A conjectura elaborada suspeita da metamorfose orquestrada através de interpretações que anseiam por desfechos favoráveis, responsáveis pela propagação de mensagens escatológicas redentoras. O percurso procura promover tanto a interrogação quanto o confronto a respeito da conformidade entre trágico e culpa. A proposta consiste em evidenciar a consolidação de um possível mascaramento, responsável por fixar certa compreensão linear da tragédia clássica, enquanto algo sequente a um conjunto de condições (como efeito), precisamente, como evento portador de desgraças. Desse modo, parece possível afirmar que a recepção moral/racional da tragédia vinculou e solidificou fatalmente o acontecimento trágico à contravenção e ao castigo.

Em contrariedade ao exposto, esse ensaio procura apresentar argumentos que reforçam a incompatibilidade entre o trágico e as concepções redentoras. Particularmente, que a ideia de culpa referida nas interpretações sobre o destino final do homem e do mundo, não condizer com a mensagem trágica clássica. Trágico e culpa são incompatíveis. Em princípio, não nos parece plausível falar de culpa na tragédia. Consoante tal argumento, não nos parece razoável estabelecer vínculos entre a concepção trágica clássica e o problema da culpa.

A noção de culpa enquanto negatividade congênita advém com as interpretações religiosas, éticas e morais da existência. A partir de um sentido delegado à presença e à participação do mal foi possível estender a noção de valor e hierarquizar as ações humanas. No sentido explícito de tais interpretações o negativo compreenderia o coibitivo com relação a não observância de princípios nocivos e prejudiciais pré-estabelecidos.

Frente ao exposto, algumas leituras tais como a de Kierkegaard (2005) em *Il riflesso del tragico antico nel tragico moderno* sugerem que a tragédia clássica procura evidenciar as características da conspurcação, mas sem querer, com isso, objetivar a condenação ou erradicação do universo humano da mesma, enquanto erro passível de correção. A tragédia clássica parece abordar, drasticamente, os conflitos inerentes à condição humana. Tais conflitos impossibilitariam o encobrimento das manifestações excessivas (conspurcáveis), cientes ou inconscientes, valoradas ou não. Se a condição humana sugerida na tragédia clássica se constitui inexpugnável e/ou inelutável, então se fortaleceria, ainda mais, a desconformidade entre trágico e culpa. No entanto, consoantes determinadas concepções redentoras, a relação de proximidade entre trágico e culpa se apresenta cada vez mais sólida. Será?

A aniquilação do herói não deve ser acolhida, enquanto ação totalmente subordinada a forças externas. A consolidação do conflito trágico se efetiva em duas frentes que se combinam: os motivos e impulsos da personagem, aliados à determinação do insondável. A circunstância ocasional dessa simultaneidade é que está promotora da desgraça. Interno e externo agem em conformidade destituídos de acordo e finalidade.

Enquanto poeta-pensador abissal, Sófocles combina em macramê, a curiosidade e o temor pelas forças externas (o humor divino) e internas (impulsos (*in*)compreensíveis), bem como o interesse incomum pelo homem e pela possibilidade de exprimir-se de acordo com a própria vontade. Por esses motivos será considerado o precursor das representações que imprimirão ao trágico o ápice do acabamento. A tragédia de Sófocles é arraigada a terra e está

o caráter dos lugares ermos, ou seja, está a representação do contrastante conflito da ordem na desordem.

Estaria a invenção da condição humana, para o teatrólogo a finalidade e/ou sentido? O homem e sua grandeza; o homem e seu engenho; o homem e os empregos de seu engenho! Se houvesse a necessidade de definir qual seria o problema que perpassa a tragédia sofocleana certamente surgiria um embaraço.

Na reflexão metódica e sombria, profundamente terrível em função da deterioração que nos é própria surgem vestígios do debate entre bom senso e arrogância, prudência e risco, flexibilidade e orgulho, elevação e baixaza. Mas também se encontra referida a ordem cíclica, que resguarda o ventre escuro gerador incansável do que é visto, ouvido, degustado e dito. As procedências são duvidosas e quem deseja surpreender a originalidade em sua morada deverá recorrer e solicitar em seu auxílio o recurso da palavra.

No entanto, todo escrito leva a pensar que terminologias estão complexas distinções e incompletas definições. A representação trágica sofocleana, assim como o oráculo do deus, não revela nem oculta, mas acena. Sua simbologia trágica sugere algo que trafega entre interno e externo, entre o positivo e o negativo, entre liberdade e privação, mas que se mantém indissociável da solidão e do percurso que lhe é próprio.

Para Romilly (1998), nenhuma das peças conservadas de Sófocles deixa de apresentar um problema de ordem ética. Mas isto não significa dar um passo em direção à leitura moral da tragédia? O modo de agir das personagens não é introduzido enquanto padrão de atitudes a ser imitado, mas introduzido para ser considerado enquanto caracteres possíveis da vida e do existente.

A representação das personagens e dos eventos, que se tornam perspectivas de determinado comportamento ou atitude humana, ou seja, de ações projetadas na possibilidade permite visualizar a grandeza que o humano poderia atingir e demonstrar. Essa consideração segue os passos, já indicados e analisados, na *Poética* aristotélica: *Lo storico e il poeta non differiscono tra loro per il fatto di esprimersi in versi o in prosa, ma differiscono in quanto uno dice le cose accadute e l'altro quelle che potrebbe accadere*<sup>1</sup>.

Nos heróis sofocleanos encontram-se atitudes generosas, extremadas, resolutas, que se manifestam no desejo e no esforço pela conduta da perscrutação individual e na recusa a

---

<sup>1</sup> Cfr. *Poética* (1451 b), “O historiador e o poeta não se diferenciam entre si pelo fato de se expressarem em versos ou em prosa, mas se diferenciam pelo fato de um expressar coisas que aconteceram e o outro por expressar aquelas que poderão acontecer”. Tradução livre.

qualquer suposto favorecimento extramundano. Sófocles tende a intensificar ações, situadas além do limite estabelecido e, através de monólogos interiores destaca a difícil travessia que deságua na escolha e requer decisão.

Liberdade e limitação (ambiguidades inerentes) instauram o diálogo do impossível. Com Sófocles adentra o palco a óptica da solidão. Com Sófocles compreendemos o quão significativa é a expressão que confere ao momento da escolha o peso desagradável da angústia. Em Sófocles toda decisão emerge da sombria vereda da solidão. Nessa condição incômoda, desconfortante, que tanto oprime quanto deprime reside a mola propulsora do saber trágico. A influência coativa prenunciadora do desastre iminente, decorrente da solidão alcançada, mostra-se reveladora de condição inarredável.

A trajetória sinuosa e singular que percorrem suas personagens permite identificar e intensificar, cada vez mais, a falta de amparo que perpassa os conflitos trágicos. No entanto, o fato de atribuir evidência ao abandono e ao fracasso, não significa o mesmo que evidenciar um pecado que se quer remido.

Ao elemento representativo sofocleano é possível atribuir diversos significados e interpretações. Entretanto, dificilmente distanciados da investigação rigorosa acerca do abandono ou do mergulho interior. A personagem trágica imersa em um conflito aterrorizador e pressionada pela responsabilidade da própria escolha procura corresponder aos anseios da (*in*) compreensão, pois sintetiza uma efetividade complexa.

Seu percurso metodológico intensifica o jogo entre a possibilidade, a realidade e a necessidade e, termina por infundir, determinada reflexão a respeito da autonomia, interposta entre as categorias. O recurso utilizado condiciona a faculdade de entendimento da protagonista ao reexame dos atos pretéritos. O conhecimento desejado advém somente com o falimento do herói.

A finalidade é alcançada (a compreensão, o saber), quando não se obtém sucesso, quando se fracassa na empreitada que parecia evidente e salvadora (favorável). A reflexão (análise) posterior, que o malogro promove, desvinculada da impetuosidade e promotora da desventura, inflama a descoberta própria. Ao percorrer passo a passo, observando atentamente o sucedido, a personagem sofocleana atinge o conhecimento e o saber não intencionado.

A protagonista trágica, uma vez aniquilada e sujeitada ao poder e revés do incompreensível alcança o entendimento. Na apreensão respira a atmosfera aporética que envolve a existência humana e reconhece a fragilidade insolúvel de sua condição. O saber,

outrora buscado, é alcançado, mas o caminho que a ele conduz é doloroso. Na percepção do evidente (*re*) velado, o herói sofocleano, assimila a miséria de toda ação presunçosa praticada e a fragilidade do particular comparado ao universal. A mensagem, que a tragédia participa, realça o limite da solidão e o confinamento da condição humana como indicam os versos finais do coro: “Muitas coisas, sem dúvida podem conhecer os homens, por tê-las visto; mas ninguém adivinha o que no futuro sucederá, sem o ver primeiro.” (SOFOCLES: 1973, p. 61)

O *Ájax* de Sófocles ilustraria supostamente essa condição. À noite em claro a meditar e a conjurar, a respeito da injúria sofrida pelos pares, faz do *Ájax* uma das mais belas reconstruções da cogitação intensa, que se apodera do espírito humano e lhe transfigura em agente capaz de despertar sentimentos intensos. Talvez, das tragédias que restaram conhecidas, no *Ájax*, se encontra a apresentação da personagem mais solitária posta em palco.

A intensidade do desamparo pode ser verificada no entretimento da urdidura. O entrelaçamento torna a enaltecer a fragilidade do herói singular (o particular) comparada à universalidade das forças excedentes que o impulsionam. O *Ájax* protagonista está, segundo leitura singular, instrumento favorável ao acontecimento *ineluctabilis* e não um culpado em busca de penitência e remissão. O *Ájax* não deve ser visto como um culpado em busca de perdão.

A peça principia com o diálogo entre o transitório (um humano, um mortal – Ulisses) e o ilimitado (a divindade, um imortal – Atena). Nele, Ulisses demonstra curiosidade e cuidado com relação às ações praticadas por *Ájax* para, em ápice catártico conseguir externar os seus tormentos.

A interrogação exercitada (dúvida manifesta) apresenta o problema da inconstância inerente das ações humanas. A dúvida reforça e exterioriza a ausência de senso, que a expressão plena faculdade pretende abarcar. Como é possível, interroga-se Ulisses, a mudança súbita e radical que leva um homem a agir desse modo? Sua dúvida será aplacada, com a introdução de um recurso explicativo, particularmente, com o auxílio divino (extramundano). A responsabilidade pelos tormentos de *Ájax* advém de um estado ilusório ao qual se encontrava submetido não por vontade própria, mas por força imperativa do nume.

Na sequência do diálogo, a divindade ao ser questionada por Ulisses a respeito da ação imprópria (desregrada, negativa, degradante) promovida por *Ájax*, torna evidente a sua responsabilidade. A interferência inexorável resulta fundamental na indução do ofuscamento

racional da protagonista. Ela influencia o desenlace dos acontecimentos, como revelam os versos:

Fui eu quem lho desviou desse prazer feroz, pondo-lhe sobre os olhos molestas fantasias. Depois fi-lo voltar-se contra as bestas pilhadas ao inimigo, que estavam sob a guarda dos pastores, ainda misturadas e por distribuir. Investiu, então, contras as reses cornudas, entre as quais fez grande carnificina, trucidando por um lado e por outro; e ora lhe parecia que se apoderava dos dois Atridas e que os matava com a pr ópria mão, ora julgava que se atirava sobre outro dos comandantes. Ao homem que assim andava trucidando em redor, fui eu quem lhe excitou a furiosa loucura e o enredou em laços da morte. (SÓFOCLES: 1973, p. 5)

Após a sucessão catastrófica de Ajax (acontecimento funesto e decisivo promotor do desenlace da ação), as palavras de Tecmessa (esposa do herói) aos companheiros de refrega reforçam a suspeita da interferência externa. Também ela participa e manifesta dúvidas quanto ao estado ou condição que aniquilou o herói. Novamente é possível perceber a mudança brusca de um estado a outro (do racional ao irracional, do moderado ao precipitado e vice versa), em breve intervalo temporal. Em Sófocles a intermitente propensão humana nunca está ao seguro.

A oscilação entre estados afetivos, segundo Sófocles, espreita a disposição humana a cada instante. Essa indicativa suscita a pensar que a rede de significações instituída não contém entrelaces sólidos, mas que se encontra presa ao instável terreno dos humores e das circunstâncias. A narrativa de Tecmessa aos companheiros de Ajax ressalta a dificuldade de enunciar o princípio gerador da ação insensata da protagonista (a sua causa), visto que, em suas palavras significaria o indescritível: “Como dizer o que é indizível por palavras?” (idem p. 13).

O significado da passagem alude que a orquestração de tamanha desgraça não apresenta parâmetros em conformidade com a razão. Que a compreensão escapa ao juízo, que escapa ao julgamento e à valoração, portanto, que escapa ao discurso (à enunciação). O sentido do ocorrido, em função de sua natureza despropositada apresenta-se inefável! O espanto que domina Tecmessa é característico de admiração advinda de fato sobrenatural!

No entanto, a ação que conduz ao assolamento de Ajax é também concebida e compreendida, enquanto desgraça particular, a partir de si mesmo. O autor dos infortúnios de Ajax está ele próprio. Essa condição, a princípio incompreensível e depois aceita será responsável por gerar dores imensas e discussões infinitas. Na tessitura sofocleana a

intensidade da ocorrência (a tragicidade) será ressaltada no instante subsequente, no percurso reflexivo instaurado através do dar-se conta do sucedido.

As palavras de Tecmessa indicam que o acontecimento que vitimou Ájax fora orquestrado sob o amparo da *hybris* (ὕβρις - desmesura). As ações de Ájax foram desenvolvidas sob o manto da confusão. A ação impulsiva indicaria a presença de excesso, de perturbação psíquica, típica de algum efeito ou influencia. A ação de Ájax aparece como atitude de alguém transtornado.

De acordo com Doods (2002), a concepção encontrada em Sófocles, a respeito de ação desmesurada, de ação que faz perder a serenidade do espírito, diz respeito à necessidade de punição como restabelecimento de confim. Novamente, parece preponderar a leitura da tragédia a partir do fio condutor que interliga temporalmente o trágico à ideia de limite e, consequentemente, a ideia de contravenção e culpa.

A força confinante e punitiva que prosterna a protagonista vem a ser identificada a *ate* e, sua particularidade, enquanto correlata de um entusiasmo sobrenatural ao qual ninguém pode escapar, aparece como castigo.

A partir dessa concepção da *ate* (como manifestação do irracional, distinto do comportamento cujos fins seriam racionais), como castigo o uso da palavra se expande. Ela é aplicada não apenas ao caráter mental do pecador, mas também aos desastres objetivos que resultam dali. A *ate* adquire, assim, o sentido geral de ruína. (DOODS: 2002, p. 45)

Na concepção de Doods o Ájax de Sófocles está um “pecador”, portanto, está um culpado necessitado de remissão. Mas tal palavra apresenta conotação específica e pode ser vinculada a determinada tradição hermenêutica. O Ájax de Sófocles parece estar protagonista de uma falta simultânea. Parece estar responsável por um descuido projetado por outrem, bem como desejado por si próprio. Vítima de um instante ambíguo, confuso e inevitável que lhe arrasta para o aniquilamento.

Como as ações representadas pela tragédia antiga não estão somente imitações de homens em ação, mas imitação da vida e participação emotiva, a experiência concomitante do agir e sofrer pode implicar confusão e colisão. Seria possível incorrer no defeito de identificar uma coisa com outra até torná-las indistintas e, a partir da indistinção escolher inadequadamente, ou seja, errar caracterizando a ruína do herói? A causa promotora da ruína advém comumente obscura, vaga, incerta, gerando interpretações diversas e até contrárias. O trágico antigo comparece anfibológico!



Mas como interpretar a ação fundamental do nume (da interferência divina, do inexorável, da força extramundana), com relação a essa derradeira condição humana, da obscuridade de sentido? Interpretando o divino como força externa, como determinação e necessidade? Interpretando como desejo interno, como liberação? Interpretando enquanto confim, limite, entre possibilidade e realização?

A peça nos informa que um Ajax em fúria, dizima os rebanhos gregos. Sua ira teria irrompido após ser preterido na escolha de merecedor das armas de Aquiles. Ao ser desprezado pelos pares em função da supremacia astuciosa de Ulisses cogita vingança, porque em seu julgamento (julga a si mesmo), *ninguém*<sup>2</sup> entre os companheiros de justa lhe está superior!

Para o espírito indomável, a maior afronta consolidada de modo mesquinho está a usurpação da dignidade e do não reconhecimento de sua grandeza guerreira (honra heroica). Mas o ultraje, como induz a passagem que segue, é acentuado com a maliciosa engenhosidade humana dos artifícios utilizados para prosterná-lo.

Segundo as palavras de Teucro, seu irmão, Ajax não teria sido subjugado através da habilidade bélica ou artimanha divina, mas através do talento inventivo do logro humano:

**Teucro** – Ele descobriu-te como um falsificador de votos.

**Menelau** – Os juízes, não eu, decretaram a sua derrota.

**Teucro** - Tu deves às escondidas ter feito, arditosamente, falcatura.  
(SOFOCLES: 1973, p. 49-50)<sup>3</sup>

O diálogo instiga a pensar que Ajax fora realmente ludibriado. Com o extravasar da sua insatisfação, Ajax procura aplacar o conflito interior instaurado extravasando a sua ira. O que não combina com a atitude e ideia do homem em fúria é imaginar a possibilidade de contenção racional dos humores que urgem. Ou seja, não passa pela ideia do protagonista que novamente a ira se apresente enquanto apetrecho de ofuscação da clareza e promotora do engano e/ou do equívoco em que irá incorrer.

Essa sucessão de ocorrências impulsivas, somatório de ações externas e internas induz ao erro fatal, à queda e ao aniquilamento. Mas, o desalento posterior em que Ajax se encontra

---

<sup>2</sup> Cfr. *Odisséia*, IX, 366-70. Sugestiva está a apresentação de Ulisses ao Cíclope, quando este interroga a respeito do nome daquele que lhe apresenta o néctar dos deuses (vinho): *ninguém é meu nome; Ninguém costumavam chamar-me não só meus pais, como os mais companheiros que vivem comigo.*

<sup>3</sup> Teucro acusa Menelau de trapacear na contagem dos votos favorecendo Ulisses e prejudicando Ajax, na ocasião em que se decidiu a quem deveriam ser entregues as armas de Aquiles. Tal decisão teria levado o herói a ficar furioso.



permite ao leitor/expectador ponderar sobre o acontecido implicando o reconhecimento de culpa?

O retorno gradativo à lucidez (ao uso da razão) será escolhido (propositadamente?) como ponto de partida na compreensão dos dissabores ao qual a personagem fora sujeitada. A introdução do recurso reflexivo subsequente<sup>4</sup> a carnificina sucedida é apropriado ao percurso que se abre. O estado de solidão lamentável em que se encontra a personagem, que a tortura e aflige, não diz respeito ao sentimento de culpa pelos atos cometidos, mas à fragilidade que perpassa a condição humana. O *Ájax* de Sófocles não está hesitante (escolhe, pondera, decide) entre alternativas possíveis, mas alguém que deve agir em sintonia com a concepção que o rege: honra e inclemência aos trapaceiros.

O *Ájax* reflexivo interroga e lamenta essa condição. A ilusória percepção de estar senhor de si (autônomo), contrária à efetiva situação: a de estar sujeitado a acontecimentos inelutáveis. Mas que acontecimentos são estes que se interpõem nos caminhos do humano, com o intuito de consternar intensamente sem solicitar licença ou conceder permissão? De onde brota ou advém a força descomunal irascível que dissociada de qualquer combinação possível submete e condena, em instantes, ao aniquilamento e a desgraça?

A resposta pode estar contida no poder evocativo da ação sobrenatural. A simbologia que esta representa e substitui, indica os confins do humano, o seu limite. Nas cercanias do abstrato habita a dificuldade com relação à profundidade do mistério e a impossibilidade de perscrutar a grandeza da indeterminação.

Mas é este limite que deve ser visto como agente punitivo da culpa (como deseja Doods)? Como agente de punição exemplar da empáfia humana? É possível considerar a interpretação enquanto resposta favorável? Segundo a leitura de Sergio Givone (1988) em *Disincanto del mondo e pensiero tragico*, não. Para o autor,

(...) è la tragedia che fa parlare l'eroe come chi è precipitato nella confusione e nell'incapacità di riconoscere il destino, ma pur sempre in riferimento all'ordine immutabile del già da sempre accaduto. Il racconto, la trama, il mito, cioè presentano la struttura della domanda e della risposta, rimandano alla verità dell'essere, implicano il riconoscimento della potenza disvelante del logos.<sup>5</sup> (GIVONE: 1988, p. 16)

<sup>4</sup> Como a determinação inerente de *EPIMETEO*, no mito platônico, como aquele que consegue visualizar as conseqüências dos atos somente após o acontecimento dos mesmos. PLATAO. *Protagora*. Roma: Newton e Compton editori. A cura di Enrico V. Maltese.

<sup>5</sup> GIVONE, Sergio. *Disincanto del mondo e pensiero tragico*. Milano: Il saggiaiore, 1988, p. 16. (...) é a tragédia que faz falar o herói como quem caiu em confusão e se encontra incapaz de reconhecer o destino, mas sempre

Na trama trágica, Sófocles faz referência à conspiração que acompanha Ajax desde a sua partida da terra natal. A ideia parece sugerir certa relação evidente de causa e efeito a partir da transgressão enunciada em discursos insolentes.

Aos perseguidores da noção de culpa, como decorrente do significado de transgressão (portanto, próximo do sentido religioso contemporâneo), a nódoa irremissível da protagonista aparece vinculada a essa característica: a de proferir discursos em que o homem se arvora capaz considerados arrogantes. Por isso a exposição de juízos a respeito de Ajax: (...) *Che non erano da uomini i suoi pensieri*.<sup>6</sup>

Mas qual o significado dessa expressão/condição? Para as forças excedentes o não reconhecimento da primazia produz (segundo a ideia de culpabilidade sugerida em Doods, referida anteriormente) ciúme, ódio e vingança. Mas como é possível cogitar um sentimento como este, referente a algo tão inexpressivo e miserável quanto à condição humana?

De acordo com Dodds<sup>7</sup>, o sentimento nutrido pelos numes, enquanto ideia em jogo é a de que as divindades melindram nos homens qualquer êxito ou felicidade capaz de elevar a nossa mortalidade acima do seu prestígio usurpando, dessa forma, algo que seria privilégio dos numes. Está possível, a partir do exposto, fazer vaga ideia quanto à natureza dos numes! Um homem que se basta não parece estar ainda possível como sugere a passagem que segue:

Telamone - Figlio mio, cerca sì la vittoria con la lancia, ma una vittoria che gli dèi propizino.

Aiace - Padre con l'aiuto degli dèi anche una nullità potrebbe vincere: mentre senza di loro io mi confido di procurarmi questa gloria.(SOFOCLE: 2004, p. 85)<sup>8</sup>

As lamentações do Ajax aniquilado ocorrem em função da sua trajetória (memória, feitos, significado, representação, simbologia). O Ajax resoluto procura sustentar-se na sua autotelia, na firmeza dos seus propósitos, mas compreende que não pode estar além do homem.

---

em relação ao já sempre ocorrido. A história, o enredo, o mito apresentam estruturas de pergunta e resposta e referem-se a verdade do ser e implicam o reconhecimento da potência desvelante do logos. Tradução livre.

<sup>6</sup> “Que não eram humanos os seus pensamentos” Tradução livre.

<sup>7</sup> Cf. Dodds em *Os gregos e o irracional*.

<sup>8</sup> (...) Telamão – Filho meu procure buscar a vitória com o auxílio da lança, mas sempre uma vitória auxiliada por um Deus.

Ajax – Meu pai com a ajuda dos deuses também o destituído de valor poderia vencer: quanto a mim confio na obtenção da glória sem o auxílio deles. Tradução livre.

Desviado dos seus desígnios a partir do embuste duplamente sofrido se extravai ao perder-se. A reflexão singular da personagem em sua solidão abissal indica certa dificuldade na compreensão dos acontecimentos, mas também um retorno a si mesmo. Em Sófocles, somente alguém que se perde pode (*re*)encontrar-se.

Ao homem de caráter inflexível dobrado pela fatalidade o que importa é viver bem ou morrer bem. Ajax não nutre torturado pela cruel aflição das ações realizadas, o sentimento de culpa. No monólogo que antecede a sua morte respira-se a atmosfera atroz da solidão destinada ao irreverente. Suas palavras não encontram interlocutor. O estado de abandono é total.

O Ajax abandonado e perdido no átimo precedente à auto-imolação, apreende a condição humana e reafirma sua autotelia. Nesse sentido, estabelece a autonomia e a atitude como horizonte capaz de salvaguardar todo e qualquer preceito humano e não somente o seu.

O fato de colocar o conflito situado entre os dois extremos (vida e morte, conspiração e pureza) permite supor, que uma vez maculado o caráter, se faz necessário tomar para si a responsabilidade dos atos decorrentes. O sofrimento de Ajax não alimenta alternativa pusilânime em relação à ação praticada.

A auto-imolação, além de estar um reconhecimento da responsabilidade (consciente ou inconsciente), está o sentimento de gratidão para com a força excedente. É esta força que permitirá restabelecer a harmonia rompida. Ajax, nos momentos que antecedem o exercício da autoquíria enuncia ao vento os últimos desejos. O anúncio confere à personagem o confim que demarca todo sofrimento humano. Conhecimento e dor estão sendas interligadas, que revelam a solidão intrínseca do ato decisório de todo existente. Jamais a expiação de uma culpa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTOTELE. *Poética*. Traduzione e introduzione di Guido Paduano. Roma – Bari: Editori Laterza, 2006.

DOODS, E.R. *Os gregos e o irracional*. In: Da cultura da vergonha a cultura da culpa. São Paulo: Editora Escuta, 2002.

GIVONE, Sergio. *Disincanto del mondo e pensiero tragico*. Milano: Il saggatore, 1988.

HOMERO. *Odisséia*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

KIERKEGAARD, Søren. *Il riflesso del tragico antico nel tragico moderno*. In: **Enten – Eller**. Milano: Adelphi Edizioni, 2005.

ROMILLY, Jacqueline de. *A tragédia grega*. Brasília: UnB, 1998.

SOFOCLE. *Tutte le tragedie*. Cura e traduzione di Filippo M. Pontani. In: *Aiace*. Roma: Newton e Compton, 2004.

SÓFOCLES. *Tragédias do ciclo troiano: Ajax – Electra - Filoctetes*. Tradução do grego, prefácio e notas pelo Padre E. Dias Palmeira. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1973.